



# TANTO ELLA ASSUME NOVITATE AL FIANCO

LISBOA, TURIM E O INTERCÂMBIO  
CULTURAL DO SÉCULO DAS LUZES  
À EUROPA PÓS-NAPOLEÓNICA

ISABEL FERREIRA DA MOTA  
CARLA ENRICA SPANTIGATI  
(COORDS.)

IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

## INTRODUÇÃO

*Isabel Ferreira da Mota*

*Carla Enrica Spantigati*

Uma consideração importante para o projeto e planeamento deste volume foi a publicação em 2013 pela Editora Carocci, na coleção “Studi Sabaudi” e, um pouco antes, em versão portuguesa, pela Imprensa da Universidade de Coimbra, sob o título *Portugal e o Piemonte: A casa Real Portuguesa e os Sabóias* (2012), de uma obra consagrada às relações entre as cortes de Lisboa e de Turim. Marcadas por uma criteriosa política matrimonial e por um cuidado balanço de estratégias no quadro do xadrez europeu, estas relações foram aí investigadas ao longo de um amplo arco temporal, fornecendo por um lado um importante quadro de referência e suscitando, por outro, o interesse de ampliar o campo de análise a outros aspetos das relações entre as duas cortes, designadamente aqueles mais diretamente associados ao intercâmbio cultural.

Tornava-se, pois, oportuno seleccionar um período histórico mais limitado que estudiosos de disciplinas diferentes explorassem, cientes de que cada ramo do conhecimento e das atividades do homem, das ciências às artes, constitui uma peça do mais amplo mosaico de uma época.

O título, “*Tanto ella assume novitate al fianco*”, retoma uma expressão de Vittorio Alfieri ao elogiar a beleza de Lisboa, restaurada

por Pombal em plena época das Luzes e o volume assim intitulado, subordinado ao tema das relações culturais entre duas grandes cidades – Turim e Lisboa – põe o acento, como não podia deixar de ser, sobre a importância contínua da circulação e da comunicação no decurso do século XVIII e início do século XIX. A circulação e a troca de valores, de imagens, de pessoas e de práticas culturais são características fundamentais das Luzes europeias. Saltando fronteiras, as viagens, a correspondência, os livros e as relações diplomáticas, configuram redes e circuitos onde se cruzam os diferentes campos culturais e políticos do Piemonte e de Portugal. Na verdade, domina uma relação social maior do tempo, a sociabilidade, e é no interior destas práticas culturais que melhor se compreendem os valores do espírito das Luzes, como cosmopolitismo, liberdade das ideias e do comércio, tolerância, etc.

Ao longo dos capítulos, as relações entre sociabilidade e viagem evidenciam-se claramente. As viagens dos diplomatas, as viagens dos naturalistas ou as viagens de educação, as viagens dos economistas e das ideias de economia política, as viagens dos eruditos, etc. Mas também as viagens dos objetos: dos livros às obras de arte, das partituras musicais aos objetos do quotidiano. Os embaixadores e os seus salões, os eruditos e os seus gabinetes e livrarias e os naturalistas e as suas academias e sociedades científicas são grupos de mediação intercultural particularmente relevantes. Os vários textos em presença permitem-nos apreender a intensidade e amplitude dessas transferências culturais e a partilha de gostos e artes de viver. Aliás, a aliança entre razão e conhecimento, razão e projeto político e razão e bom gosto é a estrutura sobre a qual se constrói o campo cultural neste fim de século e a estrutura de base que une todos estes homens de cultura e a sua sociabilidade. A ciência no século XVIII tem uma faceta de fruição do belo e qualquer pena, como particularmente a do Abade Correia da Serra, deve ser guiada pela razão e pelo bom gosto.

Mas a ciência quer-se também uma ciência útil porque o conhecimento, e nomeadamente o conhecimento do território, seja ele um conhecimento mineralógico, geológico ou etnológico era, para estes ilustrados, a única maneira racional de o poder governar e desse modo poder contribuir para a construção da «felicidade pública».

Este volume só poderia, pois, mobilizar e reunir campos, disciplinas e métodos de pesquisa diversos, da história de arte à sociologia da ciência, da história das relações diplomáticas aos contributos para uma geografia dinâmica da cultura, numa clara vocação pluridisciplinar. Sendo múltiplas as abordagens ao tema em apreço, o que as une é uma conceção alargada de cultura e história cultural, que vai da cultura visual à cultura científica, da cultura material à cultura política. As ligações estabelecem-se na infraestrutura das sensibilidades e das emoções, na transferência dos gostos e dos *habitus*, tentando configurar «o espírito da época».

O volume tem como um dos seus polos de estudo D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Primeiramente embaixador em Turim, deixou o cargo para se tornar ministro em Lisboa, tendo sido protagonista de uma visão da política nacional de modernização da sociedade e da política internacional de oposição à expansão napoleónica. D. Rodrigo é exemplo paradigmático de uma brilhante geração de homens cultos, interessados pela política e pela ciência, tendo como ideal o bem do Estado e a felicidade pública. Lisboa e Turim constituem-se como polos de encontro entre estes homens de cultura e de política, mas também sempre abertos à descoberta da arte e aos gostos cosmopolitas.

Se o capítulo de Gian Paolo Romagnani nos mostra como os olhares dos embaixadores sobre a sociedade e as políticas dos países em que se encontram, bem como a sua inserção no âmbito de uma política internacional e comparativa, são profundamente enriquecedoras tanto para eles como para os respetivos países, os textos de José Luís Cardoso e de Júnia Ferreira Furtado mostram-nos como o

teor e densidade das mediações e transferências de que são agentes atingem níveis insuspeitados no âmbito, respetivamente, da cultura económica e financeira e da ciência e da técnica.

Gian Paolo Romagnani, centrando-se num círculo de embaixadores que não só eram amigos como trocavam informações entre si, mostra como esse cruzamento de pessoas, informações e ideias oferecia a possibilidade de um pensamento político global e a aptidão para construir estratégias de intervenção na conturbada política europeia e colonial de final de século. Este círculo incluía Carlo Francesco Valperga de Masino, Henrique de Menezes, Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho e Rodrigo de Sousa Coutinho, profundos conhecedores da Europa, a que Francisco de Sousa Coutinho juntava o conhecimento próximo do império português, por experiência pessoal em Angola e intervenção direta nos tratados com Espanha sobre a delimitação de fronteiras no Brasil. Esta aptidão e visão global só podia ser motivo de interesse por parte das redes da política internacional. Nas relações muito próximas deste círculo incluem-se também Tomaso Valperga di Caluso e Vittorio Alfieri. A rede integrava ainda outras influentes amizades, como Manuel do Cenáculo, também ele visitante e conhecedor de Turim (objeto de estudo em outro texto deste volume). Se Valperga di Masino, embaixador piemontês em Lisboa, se interessa profundamente pelas questões políticas portuguesas e pela prática política do ministro marquês de Pombal, a sua vida cultural na capital portuguesa era também intensa, participando largamente na vida teatral e musical da cidade.

O início das estreitas relações de sociabilidade entre Valperga di Masino e Rodrigo de Sousa Coutinho, relações que serão intensas e profícuas, tiveram início na capital portuguesa, quando Sousa Coutinho era ainda muito jovem. Mais tarde também este vem a ser embaixador e, justamente, embaixador de Portugal em Turim. Aí participa intensamente, tal como Valperga o tinha feito em Lisboa,

nos círculos diplomáticos e culturais da cidade. Bem integrado na sociedade piemontesa, reencontra amigos de Lisboa, como Tomaso di Caluso, e frequenta tanto os salões literários quanto as sociedades científicas da capital. Paralelamente, o seu gosto pelas questões económicas leva-o a constituir uma seleta e atualizada coleção de obras de economia que faziam parte da sua biblioteca pessoal. Numa interação dinâmica entre a atividade de leitura e a da escrita, Sousa Coutinho refletiu também profundamente sobre a prática política e económica do Piemonte, remetendo para Lisboa notáveis memórias e participando simultaneamente e ativamente no debate político-económico piemontês.

José Luís Cardoso aprofunda, em novo capítulo, a cultura económica adquirida por Rodrigo de Sousa Coutinho durante a sua estada em Turim. Começando por analisar os principais textos que escreveu em contexto piemontês, o autor identifica as preocupações económicas e financeiras que o norteavam, integrando-as no pensamento económico internacional do seu tempo. Pensamento esse refletido na coleção de obras de economia, parte integrante da sua biblioteca, que o autor reconstitui e estuda em particular. Esta coleção serviu também os seus amigos piemonteses, circulando estas obras nos meios cultos de Turim. Identificar e promover os fatores da prosperidade era uma missão que D. Rodrigo sentia como sua, enquanto diplomata ao serviço do seu país. O fim último seria sempre a realização da felicidade pública em clima de cooperação internacional, à boa maneira de um ilustrado.

Complementando os capítulos anteriores, o estudo de Júnia Ferreira Furtado analisa em particular os encontros e as trocas nas áreas de engenharia militar, mineração e metalurgia entre o Piemonte, Portugal e a América portuguesa. Era na ciência que se alicerçavam as propostas de desenvolvimento económico e os amplos projetos políticos e a elite ilustrada sabia-o bem, fosse em Lisboa ou no Piemonte. Assim, depois de largo intercâmbio intelec-

tual entre D. Rodrigo e a Coroa portuguesa, em 1790, são enviados três estudantes recém-formados na Universidade de Coimbra para um *grand tour* de instrução na Europa. O objetivo era claro, que os três recolhessem o melhor do conhecimento europeu em História Natural, com ênfase em Geologia, Mineração e Metalurgia. Deste grupo de três estudantes fazem parte José Bonifácio de Andrade e Silva e Manuel Ferreira da Câmara. Entre finais de 1793 e o início de 1794, pelo menos dois deles, entre os quais Bonifácio, estão em Itália, com passagem por Turim, tendo beneficiado muito dos contactos científicos estabelecidos por Sousa Coutinho, entre os quais se destaca Carlo Antonio Napione. Como a autora evidencia, o tema da exploração mineira em todo o império português para sustentar o desenvolvimento manufatureiro era um tema caro a D. Rodrigo, tema que se torna cada vez mais insistente na correspondência oficial do diplomata a partir de 1786, sugerindo mesmo para Lisboa todo um programa de contratações de piemonteses, cujo saber técnico em vários campos seria útil em Portugal. Na verdade, o programa científico-político de Sousa Coutinho concretizar-se-á mais tarde com as nomeações de Câmara, Bonifácio e Napione para altos cargos da administração em Portugal e no Brasil, o que se traduziu em maior conhecimento da natureza do império português e na promoção das áreas económicas a ela ligadas.

Isabel Ferreira da Mota, estuda três viagens de eruditos e ilustrados portugueses que, ordenados segundo uma sequência cronológica, permitem captar alguns momentos-chave do processo das relações culturais entre Lisboa e Turim, processo que decorre do início do século XVIII ao início do século XIX. A autora observa os espaços de troca e mediação, no entendimento de que a experiência da viagem de erudição ou de ciência não é separável dos seus lugares e dos seus debates e sociabilidades. O estudo estende-se da viagem de Manuel Caetano de Sousa, no início do séc. XVIII, passando pela de Manuel do Cenáculo, em meados do século, até às viagens do

Abade Correia da Serra, contemporâneo de D. Rodrigo de Sousa Coutinho e que com ele se encontra em Turim, no final do ano de 1786. O Abade, recebido por Sousa Coutinho, é por seu intermédio introduzido à Corte, à Sociedade de Agricultura e à Academia das Ciências de Turim. As conversas entre ambos terão sido longas e intensas, porque os projetos de desenvolvimento da ciência para fins de utilidade pública do embaixador se coadunavam estreitamente com os objetivos da Academia das Ciências de Lisboa, da qual Correia da Serra era sócio fundador. Em Turim este torna-se membro da Sociedade de Agricultura e também, em 30 de Novembro de 1786, sócio correspondente da Academia Real das Ciências desta cidade. De regresso à capital portuguesa, em Dezembro de 1787, Correia da Serra é quase imediatamente nomeado Secretário Perpétuo da Academia Real das Ciências de Lisboa. O estudo assinala assim as transferências e interações entre os diferentes espaços geoculturais e identifica a função destes viajantes relativamente às sociedades de partida e de regresso, salientando mudanças e continuidades.

No âmbito das artes, estudos recentes já se debruçaram sobre a primeira metade do século XVIII, aprofundando o conhecimento das relações entre Lisboa e Roma – quando numerosas obras *à la page* foram enviadas para Lisboa –, todavia Turim ficara na sombra, apesar de vários autores terem esclarecido o significado e a importância da breve presença na capital portuguesa, nos primórdios do século, do arquiteto do rei da Sardenha, Filippo Juvarra, que estudou relevantes projetos de renovação urbana.

Cruzar os dados das investigações permitiu inserir neste contexto a experiência de um ourives de prata, Vincenzo Belli, que emigrou da corte piemontesa para a cidade dos papas: Teresa Leonor Vale descreve a sua personalidade, identificando um amplo repertório de obras e propondo de novo o tema da presença em Roma de artistas piemonteses, que aí se estabeleceram ou residiram temporariamente para aperfeiçoar a sua formação.

Relembra-se muitas vezes a estadia em Lisboa de Vittorio Alfieri, no ano de 1770, e a importância que esses dias tiveram para o escritor italiano porque justamente na capital portuguesa conheceu o Abade Tomaso Valperga di Caluso que aí vivia na altura com o irmão Carlo Francesco II Valperga di Masino, embaixador piemontês em Portugal. A profunda amizade entre Alfieri e o Abade Caluso, que o literato define “un Montaigne vivo”, é notória e permanecerá sólida no tempo, mas eis que afloram de novo os indícios de contactos que permitem recompor um tecido mais amplo.

Muitas vezes pensa-se nos embaixadores na perspectiva da história política e das relações entre os Estados, mas é interessante prestar atenção também ao impacto que tiveram para uma mais ampla circulação de experiências culturais *latu sensu*. Justamente em relação à experiência portuguesa do conde Carlo Francesco II Valperga di Masino, Cristina Mossetti, Lucia Caterina, Laura Tos, Sabrina Beltramo e Corrado Trione sublinham alguns dos seus interesses, como no caso dos achados que enviou a Turim e que devem ser relacionados com o desenvolvimento do museu de história natural. Numa altura em que na Europa estava na moda o gosto pelos artefactos vindos do Oriente, o florescente porto de Lisboa oferece ao conde a oportunidade de comprar requintados objetos lacados, porcelanas, papel de parede, destinados às suas residências de Turim, e também ao círculo de amizades no Piemonte.

A investigação, neste caso em território italiano, leva-nos de novo a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que durante cerca de vinte anos viveu em Turim, como ministro plenipotenciário português, e chegou a integrar-se plenamente na sociedade piemontesa, tendo amigos como o Abade Caluso e estreitando relações profundas com os membros da *Accademia delle Scienze*.

D. Rodrigo casou com Gabriella Asinari di San Marzano, amada companheira da sua vida, convivendo de forma mais íntima com a elite piemontesa: Carla Enrica Spantigati procura delinear as in-

fluências de Gabriella, de modo algum superficiais e ocasionais, nas escolhas culturais e artísticas da família, na senda de um gosto pessoal que se alimentara na vivência piemontesa, embora fique muito por esclarecer, na continuação da pesquisa, através do exame dos bens dos cônjuges Sousa que poderão ainda existir em Portugal.

Ao publicar os resultados de investigações e pesquisas há sempre o desejo de que possam constituir o ponto de partida para mais estudos que visem ilustrar os caracteres de uma época. Outros embaixadores suscitam a nossa curiosidade, antes de mais Alexandre de Sousa Hollstein, figura de relevo no panorama europeu, que recebeu o feudo de Sanfré (não longe de Turim) mantido pelos herdeiros até à segunda metade do século XIX.

Rodrigo de Sousa Coutinho e Alexandre de Sousa Hollstein não são alheios aos acontecimentos que levaram a Lisboa Giuseppe Trono, pintor piemontês nomeado retratista oficial da corte portuguesa no fim do século XVIII. Deste artista, filho de um conhecido pintor da corte piemontesa, Alessandro, perdera-se o rasto nos estudos piemonteses, quer pela sua longa estadia em Roma e em Nápoles, quer pela sua transferência a Lisboa. A sua abundante produção de apreciado miniaturista e retratista, mencionada pelas fontes históricas, não foi ainda devidamente identificada, mas Giuseppina Raggi e Michela Degortes, ao descrever a sua atividade em Portugal, fornecem pistas valiosas para que seja possível no futuro reconstituir também a sua obra em Itália.

Ao entrar no século XIX emerge outra ligação relativa aos pintores: era evidente pelo exame estilístico a sintonia entre as importantes obras promovidas nas residências da Casa de Saboia por Carlos Alberto, que acabava de subir ao trono, e realizações contemporâneas em Portugal, levadas a cabo quer pela corte quer pela nobreza, mas poderia tratar-se da simples partilha de um gosto moderno que do Norte de Itália (Milão *in primis*) ia-se espalhando pela Suíça, o sul da França, o Piemonte e Portugal.

Os estudos de Monica Tomiato centrados na remodelação das residências da Casa de Saboia em Racconigi e Pollenzo permitiram encontrar raízes mais profundas ao seguir os trabalhos de Luigi e Giuseppe Cinatti dos quais já se conhecia o laço de parentela (pai e filho) mas não a ligação profissional. Giuseppe esteve presente ao lado do pai nas obras em Racconigi e em Lyon antes da sua definitiva mudança para Lisboa onde a sua formação de arquiteto-cenógrafo o vai tornar protagonista de renovações em perspectiva moderna.

Voltando à segunda metade do século XVIII, outra área de investigação ajuda a recompor o mosaico de um tecido cultural multifacetado, a da música e de um amplo repertório apreciado na Europa que olhava para Turim como sendo um dos centros de vanguarda. Annarita Colturato, através de uma investigação aturada nos arquivos portugueses, faz emergir uma densa rede de trocas entre Turim e Lisboa, favorecidas pelas relações familiares (com as duas rainhas irmãs, D. Mariana Vitória, mulher de D. José I e Maria Antonia Ferdinanda de Bourbon-Espanha esposa de Vítor Amadeu III de Saboia). Pelo relevo que a música tem no cerimonial da corte, mais uma vez sobressai o papel que os embaixadores desempenham para a transmissão de informações atualizadas, de partituras e libretos e também para a contratação dos artistas. Ao longo do ensaio, que por vezes evoca contactos parisenses, outras vezes a cidade de Nápoles, eis que as encenações dos teatros de Turim (do Regio ao Carignano) se impõem em Lisboa. Delas fala-se nas correspondências de Carlo Francesco Valperga II di Masino, de D. Henrique de Meneses, ministro plenipotenciário português em Turim de 1763 a 1777, e obviamente de D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

Entre os numerosos artistas destaca-se o papel de Pugnani com os grandes intérpretes da época, que as cortes europeias disputavam, mas Turim era uma referência também para a aquisição de instrumentos musicais, que se julgavam de primeira classe, veja-se

o caso de uma encomenda em 1773 de dois oboés a Carlo Palanca com êxito controverso provavelmente por causa da idade avançada do fabricante (fagotista da Regia Cappella saboiana até ao ano de 1770).

Mais tarde, por volta da época dos Cinatti, Luisa Cymbron aborda a experiência musical através da análise de um caso exemplar, o da ópera *semisseria* de Donizetti *Il furioso nell'Isola di San Domingo* cujo argumento se inspira na obra de Cervantes. Através do cotejo das numerosas encenações da ópera na Europa, e não apenas em Turim, emergem contactos e trocas, e ao mesmo tempo referências de sensibilidade e gosto no campo literário e pictórico, e também as peculiaridades portuguesas dos teatros de Lisboa e Porto.

Através da diversidade, mas também das múltiplas interseções e articulações dos contributos recolhidos, o volume propõe-se fornecer uma perspetiva plurifacetada sobre um período particularmente importante da constituição e recomposição da geografia artístico-cultural e política europeia, na transição do século XVIII para o século XIX, tomando como elemento de análise as relações entre Lisboa e Turim e a sua exemplaridade no contexto das modalidades de sociabilidade e circulação de objetos, saberes, gostos, estilos de governo e políticas públicas, sobre as quais se construiu o panorama geopolítico europeu e mesmo a sua projeção nos Impérios.

A nossa esperança é que este volume sugira novas investigações, quer para aprofundar os temas tratados, quer para ampliar a visão a outros contextos europeus estreitamente interligados com Turim e Lisboa.

(Página deixada propositadamente em branco)